

Aos dezesseis anos eu desembarquei pela segunda vez em Belém-PA, isso em janeiro de 1973. Em meu texto "Novamente Belém", relato o contexto desta segunda aventura.

Afirmo a você que esse fim de semana em Belém, acompanhando o jovem engenheiro José Sérgio Carvalhedeo em sua folga, foi ímpar em vários e diversos aspectos na minha formação pessoal.

Aproveitamos esses dias da melhor maneira possível, porém, chegada à segunda-feira, nós tínhamos que ir pela BR 316 e BR 010/BR 316 à cidade de Capanema, distante 160 km de onde estávamos, ou seja, Belém-PA. O acampamento e tudo mais estavam baseados nesta cidade desconhecida para mim.

Em velocidade regular é possível hoje percorrer esse trecho sem estresse, em duas horas e quarenta minutos. Em 1973 estava no início a implantação dessa longa estrada rodoviária. Portanto, não existia uma estrada, e sim um caminho, uma trilha carroçável onde em breve seria uma importante rodovia.

Em meados de 72 a VW do Brasil lançou o SP1, para concorrer entre outros com o PUMA, e logo depois foi lançado o SP2. Aos dezesseis anos eu já tinha como sonho de consumo o dito SP2. Sérgio tinha um vermelho. Nele já tínhamos andado naquele fim de semana e faríamos mais muitos outros quilômetros.

Poucos sabem que uma das primeiras montadoras a se instalarem no nosso Brasil foi a Toyota: seu principal e único produto à época era a linha Bandeirante. Isso mesmo, o modelo Bandeirante, que em entre outras coisas, há bem pouco tempo predominavam como alternativa de locomoção nas dunas dos Lençóis Maranhenses, Barreirinhas, etc. Os japoneses, por conta da inexistência de estradas aqui, colocaram um produto para desbravar este imenso país. Carro com tração 4x4 é coisa muito antiga.

Mesmo eu estando eufórico em andar em um SP2 zerado, descobri rapidamente que uma Toyota Bandeirante, com todo o desconforto, era o veículo ideal para esta viagem até a cidade de Capanema.

Saímos de Belém depois do café da manhã, chegamos à Capanema na boca da noite, exauridos, sujos, famintos e prontos para dormir. Ele tinha de pegar cedinho no batente, junto com meu pai; eu não.

Sou conhecedor, desde os dez anos de idade, das rotinas de uma obra rodoviária, longe de centros urbanos. Aos dezesseis anos eu já era, portanto, um peão rodado. Mesmo como mero jovem observador. Isso por ter morado e visitado várias obras no interior do Ceará, agora outra vez no Pará.

Era um grande prêmio para mim, jovem urbano, onde afirmo que foi e é um diferencial em minha formação até hoje, mesmo em poucos dias, estar convivendo com meu pai em seu ambiente de trabalho, com amigos como Sérgio Carvalhedeo e muitos outros que no futuro seriam também, para meu orgulho, meus parceiros na mesma empresa.

Muito provavelmente estas idas e vindas da minha vida, isso bem antes de prestar vestibular, tenham me influenciado a vir a ser administrador. Conhecedor de minhas limitações em ciências exatas me restava ser administrador. Era a única forma de pertencer ao maravilhoso e árduo mundo da construção.

Durante todo o período em que estive lá, assim como nas outras obras em que já estivera, todos os dias acordava cedo e acompanhava meu pai e o engenheiro Sérgio Carvalhedeo ao escritório, oficina e principalmente às diversas frentes da dita obra rodoviária. Ver máquinas

pesadas trabalhando é ímpar.

Em um domingo, Sérgio me disse que iríamos a Salinas. Foi a primeira vez que ouvi falar do Farol de Salinas, cidade balneária mais conhecida e acolhedora dos paraenses, que fica a setenta quilômetros de Capanema, na direção norte, via PA 124. Lá, entre outras coisas, conheci a variação absurda de maré.

Cultura, culinária, geografia, relação interpessoal, conhecimento do contexto de uma atividade importante da economia como a da construção pesada e estar com meu pai, entre outras coisas, me fizeram orgulhoso de, ainda adolescente, pelas mãos de meu pai, ter usufruído desta e de tantas outras oportunidades de crescer como gente convivendo com os mais variados tipos de pessoas.

Durante o período em que estive lotado nessa obra, Sérgio conheceu Mary casaram e tiveram dois filhos. No período de 1984 a 1994, como gerente administrativo-financeiro dessa mesma empresa, retornei inúmeras vezes à Capanema. A mesma história se repetiu com outros personagens: O também engenheiro Luís Frazão Alvim conheceu Luciana, tiveram dois filhos (...)

Não tenho, neste curto e simples texto, a intenção de descrever a importância para mim desta experiência de passar, vários dias, isolado no que chamávamos naqueles idos de civilização.

Porém, se você identificou neste enredo alguma experiência sua, e por conta disso teve satisfação em recordar tal fato, independente da situação específica, fico feliz por isso. Meu objetivo maior é exatamente propiciar a você este momento de recordação e reflexão de sua própria história.

Você e eu temos, no fundo do baú, nossas aventuras, uma maravilha qualquer que seja a sua, a nossa CAPANEMA.

*Por: Adm. JOSÉ PEREIRA DE OLIVEIRA FILHO CRA 0296 MA*